

VÍNCULOS COMUNITÁRIOS NA ATUALIDADE

P. Eloir Weber

1. Introdução

O presente escrito é um recorte da pesquisa feita para o trabalho de conclusão de Curso de Especialização em Missão Urbana na Faculdades EST. Ele busca entender como acontecem os vínculos na sociedade atual. Inicialmente busca-se explicar o que a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil fala, em seus documentos, dos vínculos comunitários. O batismo é, por excelência, o meio de ingresso no corpo de Cristo. Percebe-se que as pessoas membros da Igreja não raras vezes confundem a vinculação eclesial com vinculação a um clube. Na sequência o texto busca ampliar a compreensão de vínculos na sociedade atual, que é denominada de líquida, por Zygmunt Bauman. Ele usa essa designação porque os líquidos, diferente dos sólidos, facilmente perdem a sua forma. Fluidez é a qualidade de líquidos e gases. Os fluidos se movem com facilidade. Não ficam presos a formas pré-estabelecidas, pelo contrário, estão sempre propensos a mudanças. Percebe-se, no final do capítulo, a importância da rede de relações sociais, que auxilia e fortalece as pessoas fragilizadas pela vida.

2. Membresia na IECLB

Os vínculos com as instituições, especialmente com a Igreja, são motivo de discussões e estudos. Na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) esta discussão tem tomado corpo nos últimos anos. Tradicionalmente, a IECLB tem se organizado como associação: é membro da Igreja aquela pessoa que está inscrita no fichário, mais recentemente, no sistema eletrônico paroquial. Este conceito, aliás, está muito presente para boa parte das pessoas membros da IECLB que sobrepõem ao conceito de comunidade a idéia de associação.¹

No documento “Nossa Fé – Nossa Vida” é dito que as pessoas são membros da IECLB pelo batismo administrado ou reconhecido pela mesma.² Estabelecer o vínculo com a comunidade de fé através do batismo é, teologicamente, fundamental e correto. É o que ressalta Jürgen Roloff ao analisar o conceito de corpo de Cristo na teologia paulina. Ele afirma que a Igreja não surge da união de indivíduos que se solidarizam a partir de uma ação

¹ BOBSIN, Oneide (org). **Desafios Urbanos à Igreja**. São Leopoldo: Sinodal, 1995. p. 53.

² IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Nossa Fé – Nossa Vida**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 8.

comum. São pessoas congregadas unicamente por Cristo, através do batismo, numa unidade nova determinada pelo Espírito Santo. Corpo de Cristo, neste contexto, é compreendido como uma interpretação aprofundada de estar em Cristo.³

O batismo é o critério teológico. As pessoas batizadas em outras igrejas cristãs são acolhidas como membros mediante a profissão de fé, após receber instruções referentes à doutrina e à vida comunitária da IECLB. *“Todas as pessoas batizadas são inscritas no quadro de membros da comunidade.”*⁴ Vale lembrar que o batismo ou a inscrição no quadro de membros não garantem que a pessoa vai criar algum vínculo sentimental de pertença à comunidade de fé.

A IECLB, através da sua presidência, em carta pastoral, procura responder a pergunta: quem é membro da IECLB? Neste documento é enfatizado que há incertezas e contradições e que, na prática, são usados critérios diferentes nas comunidades da IECLB. Há comunidades que são rigorosas nos seus critérios, declarando, inclusive, excluídas as pessoas que não preenchem os requisitos estabelecidos. Em geral este critério tem a ver com a fidelidade ou não na contribuição financeira. O documento ressalta que toda e qualquer orientação referente ao assunto deve ser baseado em critérios bíblico-teológicos e estar em conformidade e consonância com os documentos normativos da IECLB.⁵

Uma constatação importante do documento diz respeito ao censo do ano de 2000 no qual mais de um milhão de pessoas se declararam como sendo de “confissão luterana”. Chama a atenção que esse número aponta para cerca de cem mil pessoas acima da soma oficial da membresia das duas igrejas luteranas. Este dado revela que há pessoas que se consideram luteranas e que não são computadas nos fichários das comunidades.⁶ Esse dado permite fazer uma leitura mais crítica: a falência dos fichários – sejam eles de papel ou eletrônicos. Permite dizer, também, que o vínculo das pessoas com uma instituição religiosa não tem nada a ver com fichário, mas tem a ver com sentimento de pertença, tem a ver com vida. Obviamente que, na prática, a IECLB não pode deixar de cadastrar e recensear os membros da mesma. Mas é necessário que ela esteja consciente de que a vinculação não se dá pela lei, mas pelo evangelho.

O documento constata uma realidade que se estende pelas comunidades da IECLB, que são os membros afastados. Pessoas que estão, em grande medida, à margem da vida comunitária, que participam somente em ocasiões especiais. Seus vínculos são frágeis. Diante

³ ROLOFF, Jürgen. **A Igreja no Novo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal - CEBI, 2005.

⁴ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2003, p. 9.

⁵ ALTMANN, Walter. **Quem é membro da IECLB?**. Blumenau: Otto Kuhr, 2007. p. 1.

⁶ ALTMANN, 2007, p. 2.

desse quadro, boa parte das comunidades age excluindo os “negligentes” do seu quadro de membros. No entanto, *“se temos muitos membros pouco ativos nas comunidades, isso constitui um chamamento permanente à responsabilidade evangelizadora e catequética da comunidade, não a uma medida administrativa de exclusão.”*⁷ Outrossim, ressalta que em seguimento à palavra bíblica a comunidade não deve praticar a exclusão, mas buscar incansavelmente seus membros afastados e alegrar-se quando um se reincorpora ativamente na vida da mesma.⁸

A Igreja é a comunhão dos santos. No entanto, santidade não deve ser compreendida como uma qualidade moral dos membros da Igreja. Pelo contrário, cristãos são santos porque Cristo os santificou por meio da sua morte de cruz. Lutero compreendia a vida cristã na simultaneidade entre justo e pecador. Além disso, ele compreendia a Igreja não como um lugar de sãos, muito antes como um hospital, onde os “doentes” são tratados e suas chagas levadas a sério. Dessa forma a Igreja está constantemente sendo chamada a proclamar o Evangelho da justificação pela graça de Deus.⁹

Oneide Bobsin chama a atenção dizendo que, no mundo atual, é necessário superar a estrutura comunitária, como associação. No entanto, não se pode romper bruscamente com ela. É sobre a base histórica que se constrói um novo jeito de ser igreja. A busca de novas estruturas comunitárias como suporte para a missão de Deus em contexto urbano não pode ignorar a memória religiosa das pessoas. Não pode fazer de conta que o passado não existe. Significa que não se pode ignorar que a IECLB sempre se organizou dessa forma. *“A transição de uma Igreja étnica de migração para outra, aberta, mais universal, não se faz de forma a negar a história. Sem memória, o ser humano não é viável”*.¹⁰ Se o ser humano sem memória não é viável, então a Igreja, que é formada por pessoas, também não pode perder a sua memória. Pois a memória é o seu norte, sua identidade dentro do Corpo de Cristo. Por isso é necessário refletir sobre identidade.

3. Processo de construção da identidade

Identidade, para Bauman, é um processo de construção contínuo.¹¹ Manuel Castells corrobora com essa definição, dizendo que identidade é a fonte de significado e experiência de um povo. É o processo de construção de significado para a vida, baseado em algum

⁷ ALTMANN, 2007, p. 6.

⁸ ALTMANN, 2007, p. 9.

⁹ ALTMANN, 2007, p.11.

¹⁰ BOBSIN, 1995, p. 56.

¹¹ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 205.

atributo cultural, ou na soma de atributos culturais inter-relacionados, que se sobressaem em relação a outras fontes de significado. Para uma mesma pessoa ou grupo social pode haver identidades múltiplas. No entanto, é necessário fazer uma distinção entre identidade e papéis. Enquanto papéis são definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade; identidades constituem fontes de significado para os próprios indivíduos, criadas por eles em seu processo de individuação. *“Pode-se dizer que identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções.”*¹²

A identidade é construída por diversos fatores que são processados de forma individual e coletiva, que reorganizam seu significado em função de situações, tendências sociais e questões culturais enraizadas na estrutura social, bem como na visão de tempo e espaço. A identidade coletiva, em grande parte, é determinada pelo conteúdo simbólico.¹³

No mundo atual, falar de identidade significa falar, também, de crise de identidade, pois esta é uma das características da modernidade. Este fenômeno, em boa medida, é causado pela globalização. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado gera um distanciamento da pessoa em relação à cultura local, enfraquecendo, assim, a organização comunitária local.¹⁴

Diante da questão da identidade, Bobsin diz que a Igreja jamais deveria esquecer que a memória coletiva de um passado saudoso é fonte de resistência diante da avalanche desestruturante dos centros urbanos que mercantilizam as relações humanas. Na maior parte dos casos, ser evangélico de confissão luterana, não é opção, é condição. Dessa condição sociológica ninguém foge ileso, nem mesmo o pentecostalismo que prega a ruptura com o passado o consegue. Ele cita, ainda, Walter Benjamin, da Escola de Frankfurt, que define tradição como a dimensão onde se aloja a aura do tempo. É consolidação da experiência coletiva. A autoridade que garante o acesso do indivíduo aos seus ancestrais.¹⁵ Apesar de não parecer e até ser negada, a ancestralidade continua sendo algo muito forte na memória religiosa das pessoas.

Apagar a memória das pessoas com discursos religiosos pode contribuir para o desenraizamento das mesmas. A Igreja não pode se constituir em mais um fator de desenraizamento das pessoas, principalmente na sociedade moderna que aposta alto nisso.¹⁶ Por essa razão é necessário que a Igreja se preocupe, nos dias atuais, com a identidade histórica das pessoas que lhe são confiadas por Deus.

¹² CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 2. p. 22 - 23.

¹³ CASTELLS, 1999, p. 23.

¹⁴ SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p. 21.

¹⁵ BOBSIN, 1995, p. 57.

¹⁶ BOBSIN, 1995, p. 58.

4. Sociedade Líquida

Zygmunt Bauman refere-se ao tempo atual como sendo líquido. Ele usa essa designação porque os líquidos, diferente dos sólidos, facilmente perdem a sua forma. Fluides é a qualidade de líquidos e gases. Os fluidos se movem com facilidade. Não ficam presos a formas pré-estabelecidas, pelo contrário, estão sempre propensos a mudanças. Os espaços são ocupados somente por um instante, o que importa é o tempo. Os líquidos fluem, escorrem, esvaem-se, respingam, transbordam, vazam, inundam, borrifam, pingam. São filtrados, destilados. Não são contidos com facilidade, pelo contrário, contornam ou dissolvem os obstáculos e invadem ou inundam seu caminho. A grande mobilidade dos fluidos é o que os associa à idéia de leveza, ausência de peso e inconstância.¹⁷

Neste sentido é que Bauman considera a terminologia adequada para designar os tempos da modernidade. Por outro lado, considera que o que se está vivendo nos tempos atuais é uma redistribuição ou realocação dos poderes após o “derretimento” ocorrido nos últimos anos. O derretimento afetou as instituições existentes e as molduras que determinavam as divisões de poder. Como ele próprio diz:

Na verdade, nenhum molde foi quebrado sem que fosse substituído por outro; as pessoas foram libertadas de suas velhas gaiolas apenas para ser admoestadas e censuradas caso não conseguissem se realocar, através dos seus próprios esforços dedicados, contínuos e verdadeiramente infundáveis, nos nichos pré-fabricados da nova ordem: nas classes, as molduras que (tão intransigentemente como os estamentos já dissolvidos) encapsulavam a totalidade das condições e perspectivas de vida e determinavam a totalidade das condições e perspectivas de vida e determinavam o âmbito dos projetos e estratégias realistas de vida. A tarefa dos indivíduos livres era usar sua nova liberdade para encontrar o nicho apropriado e ali se acomodar e adaptar: seguindo fielmente as regras e modos de conduta identificados como corretos e apropriados para aquele lugar.¹⁸

Há um efeito colateral lamentável que é provocado pela leveza e fluidez do poder cada vez mais móvel, escorregadio, evasivo e fugitivo: é a desintegração da rede social e a derrocada das instituições de ações coletivas. Tanto a desintegração social, quanto a derrocada de instituições é uma condição e, também, um resultado da nova técnica de poder, que necessita de pessoas desengajadas e individualistas. Para que o poder possa continuar fluindo com liberdade, as pessoas devem estar desarticuladas. Uma rede densa de laços sociais é um obstáculo a ser eliminado.¹⁹

¹⁷ BAUMAN, 2001, p. 7 - 8.

¹⁸ BAUMAN, 2001, p. 13.

¹⁹ BAUMAN, 2001, p. 22.

5. O sonho da emancipação

A grande meta das pessoas na atualidade é emancipar-se, libertar-se, sentir-se livres. Experimentar uma vida sem obstáculos, resistência ou qualquer outro impedimento aos movimentos. A realidade é criada pelo ato de querer. Sentir-se livre é conseguir atingir o equilíbrio entre os desejos, a imaginação e a capacidade de agir. E, quando a pessoa não consegue atingir tal equilíbrio vem o sentimento de derrota, vazio e incapacidade. Sendo assim, a necessidade de buscar a emancipação torna-se, por si, uma escravidão. É o que Bauman chama de *“bênçãos mistas da liberdade”*. Por isso surgem as perguntas: *“A libertação é uma bênção ou uma maldição? Uma maldição disfarçada de bênção, ou uma bênção temida como maldição?”*.²⁰

Diante da questão, Bauman responde com uma citação:

O indivíduo se submete à sociedade e essa submissão é a condição de sua libertação. Para o homem a liberdade consiste em não estar sujeito às forças físicas cegas; ele chega a isso opondo-lhes a grande e inteligente força da sociedade, sob cuja proteção se abriga. Ao colocar-se sob as asas da sociedade, ele se torna, até certo ponto, dependente dela. Mas é uma dependência libertadora; não há nisso contradição.²¹

Lutero falava em ser livre de tudo e de todos pela fé, e ser servo de tudo e de todos pelo amor. A comunidade de fé tem este papel: à medida que a pessoa vai se envolvendo na comunidade, ou seja, submetendo-se ao modo de vida ela vai sendo libertada. É a contradição que tem lógica, dependência e libertação. Nas palavras de Lutero, entre amor e fé.

6. Individualismo

A marca registrada da sociedade moderna é a apresentação dos membros como indivíduos. A sociedade moderna move-se diária e incessantemente dentro do processo de individualização. De semelhante modo, as atividades dos indivíduos consistem na reformulação e renegociação diária da rede de relacionamentos chamada sociedade. Há uma interdependência. No entanto nenhum dos dois lados – nem o coletivo, nem o individual – ficam parados por muito tempo. Assim se cria mais uma das características dos tempos atuais: a mudança permanente da forma de organização individual dentro do coletivo.²²

Uma das grandes conseqüências do individualismo no qual vivemos é a corrosão social e a desintegração da cidadania. O interesse geral não passa de um conjunto de egoísmos.

²⁰ BAUMAN, 2001, p. 23-26.

²¹ BAUMAN, 2001, p. 27.

²² BAUMAN, 2001, p. 39.

Se o indivíduo é o pior inimigo do cidadão, e se a individualização anuncia problemas para a cidadania e para a política fundada na cidadania, é porque os cuidados e preocupações dos indivíduos enquanto indivíduos enchem o espaço público até o topo, afirmando-se como seus únicos ocupantes legítimos e expulsando tudo mais do discurso público. O “público” é colonizado pelo “privado”; o “interesse público” é reduzido à curiosidade sobre as vidas privadas de figuras públicas e a arte da vida pública é reduzida à exposição pública das questões privadas e a confissões de sentimentos privados (quanto mais íntimos, melhor). As “questões públicas” que resistem a essa redução tornam-se quase incompreensíveis.²³

Edificar comunidade num contexto assim, certamente não é tarefa fácil. Bauman ressalta que, se compartilhar intimidades tende a ser o método preferido – talvez único – de construir comunidade, o resultado previsível é de se ter comunidades tão frágeis e transitórias como emoções esparsas e fugidias, saltando de um interesse ao outro, na busca sempre incompleta de rumos e objetivos. Comunidades com temores, ansiedades e ódios compartilhados, mas não curados, pois cada indivíduo solitário “pendura” os seus solitários medos no “cabide” do individualismo coletivo.²⁴ O individualismo está muito presente nas comunidades, ele chegou para ficar. Muitas são as pessoas que participam, mas não se envolvem. Buscam satisfazer as suas necessidades individuais, sendo que o coletivo não é importante.

Para alguns, as origens do individualismo estão na ascensão da burguesia, para outros, surge com a renascença. Há opiniões que dizem que o individualismo sempre esteve presente, de uma forma ou de outra. Que ele vem da nossa herança judaico-cristã. E que a religião foi o fermento essencial para que ele tenha evoluído. *“Algo do individualismo moderno está presente nos primeiros cristãos e no mundo que os cerca, mas não se trata exatamente do individualismo que nos é familiar.”*²⁵

7. Viver em comunidade – a questão do vínculo

As pessoas vivem em comunidades porque o ser humano é um ser relacional. Ele necessita de interação e de vida social. Para Bauman, um dos principais apelos do comunitarismo é a promessa de um porto seguro. E isso tem sido o sonho de muitas pessoas nestes tempos de incertezas, ansiedades e de falta de perspectiva.²⁶ O tempo atual é marcado pelo individualismo, no entanto, o ser humano, exatamente motivado pela preocupação individual, vai buscar o seu bem estar em relações comunitárias. Isto significa dizer que os

²³ BAUMAN, 2001, p. 46.

²⁴ BAUMAN, 2001, p. 47.

²⁵ DUMONT, Louis. **O Individualismo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985. p. 36.

²⁶ BAUMAN, 2001, p. 196.

seus vínculos acontecem e são buscados, mas são mais distantes. Busca-se satisfação pessoal nas relações no grupo. Interação sem exposição e comprometimento demasiado.

Em termos sociológicos, o comunitarismo é uma reação esperável à acelerada “liquefação” da vida moderna, uma reação antes e acima de tudo ao aspecto da vida sentido como a mais aborrecida e incômoda entre suas numerosas conseqüências penosas – o crescente desequilíbrio entre a liberdade e as garantias individuais. O suprimento de provisões se esvai rapidamente, enquanto o volume de responsabilidades individuais cresce numa escala sem precedentes. [...] A fragilidade e transitoriedade dos laços pode ser um preço inevitável do direito de os indivíduos perseguirem seus objetivos individuais, mas não pode deixar de ser, simultaneamente, um obstáculo dos mais formidáveis para perseguir eficazmente esses objetivos – e para a coragem necessária para persegui-los.²⁷

Vivemos numa sociedade de paradoxos. O paradoxo que há entre o individual e seus interesses particulares convive e vai buscar satisfazer os mesmos na comunidade que, por sua vez, também tem os seus interesses e trajetórias. A Igreja não está fora dessa realidade, muito pelo contrário, é um dos espaços que as pessoas ainda procuram para ter uma resposta diante das incertezas e tribulações da vida. Deveria ser o espaço, por excelência, de promover a vida. Percebe-se, no entanto, que este modelo traz conseqüências para a Igreja. Os laços de pertença, os vínculos das pessoas com a Igreja são distantes e frágeis. Busca-se satisfazer necessidades espirituais sem ter compromisso com a mesma.

Em nenhum outro momento da história se usou de forma tão discriminada o termo comunidade, do que nas últimas décadas, que coincide com o momento em que a comunitariedade, no sentido sociológico, está em baixa. As pessoas buscam grupos dos quais possam fazer parte e que lhes tragam alguma estabilidade duradoura e que faça frente a uma sociedade onde tudo o mais é variável e passível de mudanças, em que nada mais é certo.²⁸

Sob o ponto de vista interno a comunidade é um espaço de acolhida. Um lugar de fuga das presas do mundo hostil, que é um ermo repleto de emboscadas e conspirações. Fervilhante de inimigos que brandem o caos como sua arma principal. Por isso, olhando de dentro da comunidade, o mundo que é escuro e impenetrável como a selva, necessita da luz que emana do seu interior. Para este ermo escuro que as pessoas jogam e buscam banir os medos que as levaram a viver em comunidade²⁹ Sim, a comunidade cristã deve ser espaço de acolhimento e de fuga para lidar com os medos. Um espaço com uma proposta alternativa de vida em comunhão. As pessoas necessitam ter este espaço. Por outro lado, corre-se o risco de supervalorizar o contraponto: mundo – comunidade. Demonizar tudo o que é de fora e divinizar tudo o que está dentro. A questão levantada em relação ao medo, que leva as pessoas

²⁷ BAUMAN, 2001, p. 195.

²⁸ BAUMAN, 2001, p. 196.

²⁹ BAUMAN, 2001, p. 197-198.

a viverem e relacionarem-se em comunidade, parece ser um aspecto que necessita de uma reflexão. As pessoas, hoje, vivem num mundo conturbado, os medos são muitos e, também, motivados por diversas fontes. Traumas são criados e é necessário superá-los ou aprender a lidar com eles. Por isso este deveria ser um indicativo forte que deve ser levado a sério, pois ele leva as pessoas a buscarem sarar as feridas e suportarem as dores e medos, em comunidade. Se a comunidade cristã não tiver espaço, essas pessoas vão achá-lo em outra comunidade.

Bauman, na sua análise sobre comunidade, cita Richar Sennett, que diz:

A imagem da comunidade é purificada de tudo o que pode trazer uma sensação de diferença, que dirá conflito, a quem somos “nós”. Desse modo, o mito da solidariedade comunitária é um ritual de purificação... O que distingue esse compartilhamento mítico nas comunidades é que as pessoas sentem que pertencem umas às outras, e ficam juntas, porque são as mesmas... O sentimento de “nós”, que expressa o desejo de semelhança, é um modo de evitar olhar mais profundamente nos olhos dos outros.³⁰

A necessidade da auto-proteção leva as pessoas a buscarem um espaço de compartilhamento. Mesmo que a motivação e o fim sejam individualistas, o meio é comunitário. O triângulo incerteza, insegurança e falta de garantias gera ansiedade crescente e aguda. Diante disso, as pessoas procuram vínculos que lhes ensinem a lidar com o mesmo. A comunidade é o “viveiro de segurança”. A busca frenética por segurança, diante desse triângulo, é constante e tende a ser perpétua, pois toda busca de segurança gera mais insegurança. A sede torna-se insaciável e nenhuma medida prática a sacia porque não ataca o triângulo e o deixa intacto: incerteza, insegurança e falta de garantias.³¹

Diante do exposto parece que o comunitário, nos tempos atuais, é, no fundo, o suprasumo do individualismo. É nesse meio que a comunidade cristã é convidada a lançar as suas redes e buscar criar vínculos seguros e duradouros. Mostrar que ela está aberta para acolher como Cristo acolheu.

8. Redes sociais

É importante observar que todas as pessoas vivem em diferentes redes sociais. Por ela passam todos os vínculos que as pessoas estabelecem. As redes podem ser de família, de vizinhos, colegas de trabalho ou de escola, turma de amigos, comunidade religiosa, partido político, “tribo”. A partir de suas redes de relações sociais o ser humano desenvolve a sua

³⁰ BAUMAN, 2001, p. 207.

³¹ BAUMAN, 2001, p. 208.

identidade, os seus valores, a sua auto-estima, a sua religiosidade e, também, as suas obrigações sociais e a sua moral.³²

A importância das redes sociais não está somente no fato de formar valores, mas está principalmente ligado ao fato de ser suporte, assistência e sustentação em tempos de fraqueza e crise. Nas relações em rede há igualdade e reciprocidade. Há mutualidade em ser suporte e sustentáculo. Por ser uma relação de igualdade e reciprocidade é, também, uma relação de interdependência.³³

O ser humano é um ser em relação. Ele precisa de vínculos para viver. A comunidade cristã deve se compreender como um lugar, por excelência, de lançar e criar vínculos saudáveis. Mesmo num mundo como o atual, marcado pelo individualismo, a Igreja não pode esquivar-se dessa tarefa comunitária legada pelo próprio Cristo e selada pelo Espírito Santo, pois o batismo faz dos cristãos o “Corpo de Cristo”.

9. Conclusão

O presente texto estudou o fenômeno dos vínculos comunitários nos dias atuais. Certamente uma série de elementos trazidos, principalmente, a partir do estudo de Bauman, são esclarecedores e levam à reflexão.

A missão da Igreja não pode ser proselitista, mas buscar a aproximação de pessoas em suas necessidades e anseios, alegrias e realizações. É nesta linha que vai a reflexão de Brigitte Saviano, que defende que a vida na cidade é marcada, por um lado, pelo anonimato e, por outro, pela saudade e pelo anseio por relações pessoais.³⁴

A sociedade atual está, sim, marcada pelo anonimato, pelo individualismo, pela falta de comprometimento. A Igreja, no entanto, não pode se dar ao luxo de ficar neste discurso. Pois, a “saudade” e o “anseio” por “relações pessoais” também estão presentes. O ser humano é um ser sociável. Ele necessita de convívio. Necessita confiar em alguém, compartilhar as suas cargas. Receber atenção e perceber que é aceito e amado incondicionalmente. Sem interesses secundários. A sociedade, aliás, está cheia de artimanhas dessa natureza. As oportunidades de colocar-se ao lado das pessoas em suas reais necessidades são muitas, é necessário ter o olhar amoroso, sem preconceito, que Cristo teve.

³² NORDSTOKKE, Kjell. Diaconia. In: HARPPRECHT, Christoph Schneider (org.). **Teologia Prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: ASTE, 1998. p. 285.

³³ NORDSTOKKE, 1998, p. 285.

³⁴ SAVIANO, Brigitte. **Pastoral nas Megacidades**. São Paulo: Loyola. 2008. p. 223.

Em poucos lugares, em uma metrópole, as pessoas encontram uma rede de relações sociais e de fé. A comunidade de fé precisa ser um lugar de comunhão produzida pelo amor incondicional de Deus pelos seres humanos e vivenciada entre eles. Esta comunhão, conforme Saviano, *“pode se tornar um sinal de luta por uma ética da solidariedade e da partilha, em contraste com uma liberdade e uma ética individualistas.”*³⁵ Nesta mesma linha, ela defende, ainda, a necessidade de se ter, nas megacidades, uma *“pastoral da intimidade”*³⁶. Ela compreende *“intimidade”* como *“proximidade humana, pessoal”*. A comunidade precisa dar-se conta de ser lugar de acolhida, de criar um clima de aconchego, de bem estar.

Saviano sustenta que a *“Igreja da grande cidade”* deve assumir novas formas de comunidade. Defende que ela deve buscar pequenas comunidades: *“A pequena comunidade ou o grupo dentro da metrópole, da megacidade pode promover vitalidade espiritual, atuação diaconal localizada e uma pastoral de sacramento mais pessoal que encontra seu lugar dentro da comunidade”*³⁷, outrossim, afirma que *“Essa construção e a reedificação de tal práxis eclesial de pastoral urbana serão um tema-chave da pastoral evangelizadora nas próximas décadas.”*³⁸

O certo é que a Igreja não pode abrir mão da sua vocação missionária. Vocação esta recebida do próprio Cristo. Ela deve ser incisiva na sua forma de conceber e promover a missão. O Pastor Gottfried Brakemeier, em palestra no Fórum sobre Identidade Luterana, na Faculdades EST, em 2009, falou que:

Não é por acaso que o tema “missão” voltou a ocupar a agenda da IECLB.³⁹ Espelha-se nisto a “crise das igrejas históricas”, bem como as incertezas quanto aos futuros rumos do cristianismo. Ele está encolhendo não só no Brasil. Aparentemente perdeu a força missionária. O tema da IECLB, pois, se insere numa preocupação global. Também em épocas pós-modernas a religião não morreu, muito embora a fala no retorno do sagrado deva ser vista com reservas. Mas a religiosidade em voga não favorece as igrejas. Ela se articula de forma solta, pouco inclinada a se submeter a uma instituição. O que conta são as fortes emoções. Chamam atenção as variantes fundamentalistas de um lado e as relativistas de outro. Enquanto certos grupos se portam de modo fanático, agressivo, outros pregam o vale tudo, a equivalência das “verdades”, todas elas com a sua própria razão de ser. Nessas condições normatividade se desfaz. As igrejas cristãs se sentem acuadas por ambos os extremos.⁴⁰

³⁵ SAVIANO, 2008, p. 225.

³⁶ SAVIANO, 2008, p. 225.

³⁷ SAVIANO, 2008, p. 226.

³⁸ SAVIANO, 2008, p. 226.

³⁹ O autor refere-se ao tema da IECLB para os anos 2008 e 2009: “Missão de Deus – Nossa Paixão.”

⁴⁰ BRAKEMEIER, Gottfried. **“Somos igreja! Que igreja devemos ser?” Exigências eclesiológicas luteranas no contexto brasileiro.** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <elobele@cpovo.net> em 30 de junho de 2009.

A forma de fazer missão não deve ser, nem agressiva, nem desinteressada demais. Deve buscar promover a vida no convívio de pessoas congregadas em torno de Cristo. Para Brakemeier, a missão cristã não é impositiva, é convite. A comunidade cristã lança o convite para filiar-se a ela e para abraçar o Evangelho. A comunhão é oferecida sem discriminação, pois a vontade de Deus é que todas as pessoas sejam salvas e cheguem ao pleno conhecimento da verdade (1 Timóteo 2.4). Comunidade missionária precisa aprender a arte de convidar, sem truques e falsas promessas. Assim Jesus foi ao encontro das pessoas, convidou-as e lhes propôs um caminho de fé, esperança e amor.⁴¹

Os vínculos se dão de diversas formas. Assim como não há uma só forma de Deus revelar-se às pessoas, a organização comunitária e os vínculos não precisam ser sempre iguais. O papel fundamental da Igreja é favorecer e incentivar para que o amor de Cristo alcance todas as pessoas, salvando-as.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Walter. **Quem é membro da IECLB?**. Blumenau: Editora Otto Kuhr, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOBSIN, Oneide. **Correntes Religiosas e Globalização**. São Leopoldo: IEPG e CEBI; Curitiba: PPL, 2002.

BOBSIN, Oneide (org). **Desafios Urbanos à Igreja**. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

BRAKEMEIER, Gottfried. **Por que ser cristão? Dez boas razões para...** São Leopoldo: Sinodal, 2004.

BRAKEMEIER, Gottfried. “Somos igreja! Que igreja devemos ser?” **Exigências eclesiológicas luteranas no contexto brasileiro**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <p.eloir@salvador.org.br> em 30 de junho de 2009.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 2.

DUMONT, Louis. **O Individualismo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Nossa Fé – Nossa Vida**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

NORDSTOKKE, Kjell. Diaconia. In: HARPPRECHT, Christoph Schneider (org.). **Teologia Prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: ASTE, 1998.

⁴¹ BRAKEMEIER, Gottfried. **Por que ser cristão? Dez boas razões para...** São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 65.

ROLOFF, Jürgen. **A Igreja no Novo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2005.

SAVIANO, Brigitte. **Pastoral nas Megacidades**. São Paulo: Loyola, 2008.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Bauru: EDUSC, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.